

PIERRE MONBEIG: A PAISAGEM NA ÓPTICA GEOGRÁFICA*

Heliana Angotti Salgueiro

A geografia não pode contentar-se em descrever a paisagem concreta; ela procura compreender e reconstituir o mecanismo que conduz à formação da paisagem e provoca a sua evolução. Nem todos os elementos desse mecanismo são visíveis aos nossos olhos, mas se acham à disposição da nossa curiosidade crítica. Já se disse que o geógrafo é um "olho" e a geografia uma maneira de ver. Jamais se pretendeu fazer do geógrafo uma Kodak insensível.

Pierre Monbeig, 1957

Em conferência intitulada "A paisagem, espelho de uma civilização", proferida em 1939¹ na então nascente Universidade de São Paulo, Pierre Monbeig parte de concepções de colegas historiadores da arte, os quais se referiam às paisagens de Manet, Rembrandt, Veermer e Ruysdael como "expressivas da civilização" de um povo – lembremo-nos de que a óptica da arte como reflexo da história da cultura é própria daquela geração. Reconhecendo a "ousadia de passear os pesados tamancos de geógrafo nos delicados jardins da pintura", Monbeig observa que, se 300 anos separam as paisagens "construídas" dos holandeses – "reflexo da técnica, da riqueza, da civilização" sobre o território – das paisagens parisienses de Manet, pintando a estação Saint-Lazare, "no século da estrada de ferro", umas e outras constituem o registro de "um cenário construído pelo homem", uma "paisagem em movimento"².

* Este trabalho inscreve-se em projeto de pesquisa que comeci a coordenar em maio de 1999, como bolsista da FAPESP, sobre o arquivo pessoal de Pierre Monbeig; sabe-se que ele integrou a "missão" de professores estrangeiros que deu impulso às faculdades de Ciências Sociais da USP, tendo permanecido no Brasil de 1935 a 1946, como professor de Geografia Humana. Indicarei aqui apenas alguns dos documentos inéditos, em vias de classificação, que compõem seu acervo, dividido entre o Brasil (IEB/USP) e a França (Prodig/CNRS) – no primeiro, predominam textos; no segundo, imagens.

1. Publicada na revista *Filosofia, Ciências e Letras*, n.7, agosto 1940, e também em Pierre Monbeig, *Ensaio de geografia humana brasileira*, São Paulo, Livraria Martins, 1940, no segmento "Geografia e paisagem".

2. *Idem*, p.15. Essa última expressão, que foi empregada repetidas vezes por Monbeig para identificar as paisagens brasileiras, está próxima de um dos significados do conceito recente de *mouvance*, que se refere à paisagem não como um objeto estático, mas em contínuo "movimento evolutivo", segundo uma dinâmica que assume graus relativos de artificialidade e intervenção. Ver A. Berque, M. Conan, P. Donadieu, B. Lassus e A. Roger, *La mouvance, cinquante mots pour le paysage*, Paris, Ed. de la Villette, 1999. Monbeig observou, em "Notas relativas à evolução das paisagens rurais no Estado de São Paulo", que qualquer classificação "só valeria no momento de sua redação". Cf. *Boletim Geográfico*, a. II, n. 16, julho 1944; e na sua tese de 1950, escreve: "as transformações são tão rápidas, que tudo o que se consegue escrever se torna logo história". Cf. *Pionniers et planteurs de São Paulo*, Paris, Armand Colin, 1952, p. 9.



Esse preâmbulo serve-nos tanto para lembrar a abertura de Monbeig em relação a outros campos do saber – ou seja, que a Geografia é indissociável da História ou ainda do universo sensível da estética e cultural da percepção –, como para levar-nos a pensar na complexidade do título desse colóquio, *Paisagem e Arte*, especialmente pelas implicações histórico-conceituais que este *e* implica, num nível de tensão idêntico ao que se verifica quando História e Arte são relacionadas. Não desenvolvo essas idéias aqui, mas deixo-as como uma provocação ao debate³.

Eu lembraria ainda que, se terminologias, padrões estéticos e ópticos *mudam*, certas práticas de representação ou, para retomar o título da sessão em que me inscrevo, certas “modalidades de figuração” ou componentes visuais, de um campo a outro, podem estar muito próximos. A paisagem do geógrafo, como a do pintor, obedece a convenções de escala, traços, símbolos e cores (quando apresentamos esta comunicação no colóquio, as imagens projetadas exemplificaram essa relação). E, quanto ao determinismo simplista explícito na conferência de 1939, tratando a “arte [como] espelho da sociedade”, revisto há muito tempo, é preciso ir além da frase e destacar a acuidade do pensamento intelectual de Monbeig: lúcido seguidor da crítica introduzida por Vidal de la Blache aos determinismos de Ritter e Ratzel, e companheiro de Lucien Febvre nos “combates” metodológicos por uma antropogeografia cultural e não evolucionista, muito além das simples relações de causa e efeito.

Ao destacar a pintura de paisagem como documentação geográfica, registro “da ação das sociedades humanas sobre a natureza”, Monbeig confirma, em 1939, a atração e o lugar do tema paisagem no “grande movimento de renascimento da geografia moderna”, do qual é um dos porta-vozes, especialmente graças à sua experiência latino-americana⁴. Em 1935, em aula inaugural (que preferiria ter ministrado no alto do Pico do Jaraguá, e não dentro de uma sala), já afirmava “que o campo de

3. A respeito dessa questão, há um texto de Baldine Saint Girons, “Y a-t-il un art du paysage? Pour une théorie de l’acte esthétique”, apresentado no colóquio *Paysages: état des lieux*, Cerisy, julho de 1999; e ainda, de Yves Lacoste, “À quoi sert le paysage? Qu’est-ce un beau paysage?”. In: Alain Roger [dir.], *La théorie du paysage en France (1794–1994)*, Seyssel, Champ Vallon, 1995. Ficamos na expectativa da discussão de um conceito fundamental – a “artialização” da paisagem –, sobre o qual escreve Alain Roger. Sobre a tensão Arte e História, realizou-se um simpósio no Getty Center, em Los Angeles, em 1998: *Art/History – Objects, Meaning, Judgment*.

4. Cf., por exemplo, “Traits généraux de la géographie américaine”, conferência manuscrita, 1953, Arquivo Pierre Monbeig (citado nas próximas notas como APM). Em 1937, observava: “em uma universidade moderna, e deve haver poucas faculdades mais jovens do que a de São Paulo, é sem remorsos nem temor que o professor de geografia fala publicamente de paisagens...”, cf. “Paisagens agrícolas: o exemplo do Mediterrâneo”. In: *Ensaio de Geografia Humana Brasileira, op. cit.* A postura de Monbeig resume-se no princípio básico da geografia humana, na qual “os problemas são colocados pelos homens e não mais pelas forças da natureza”. Cf., de sua autoria, “Resenhas e Opiniões”, *Boletim de Geografia*, ano VIII, 1950, e texto da nota 1, p. 30. No que se refere à paisagem como “um produto social historicamente datado”, Monbeig foi citado como pioneiro, em recente artigo de Guy Burgel, que lembra sua descrição da psicologia dos *Pionniers et planteurs de São Paulo*, em 1952, como uma “premonição” da nova geografia “sob céus exóticos”. Cf. “Une Géographie trahie par ses paysages”. In: Michel Collot [org.], *Les enjeux du paysage*, Bruxelas, Ed. Ousia, 1997, p. 302.



estudo do geógrafo é a paisagem” e que, para compreendê-la, são necessárias “incur-sões” nas demais ciências afins⁵.

A dinâmica brutal da paisagem brasileira e a capacidade de autodestruir-se e de transformar-se rapidamente fascinavam Monbeig, como se evidencia pelos registros que fez a partir de sua óptica. As categorias descritivas e de figuração que circulam entre texto e imagem fundam-se na observação direta. Seu pensamento se constrói no momento em que ele vê. O geógrafo se apropria da paisagem sobrevoando-a, atravessando-a, para poder experimentar suas dimensões. Esse percurso físico e mental supõe técnicas de registro: cadernos de campo, croquis, diapositivos. Monbeig escreve sobre a necessidade “de ver uma região para compreendê-la na interação de seus elementos, na solidariedade de seus componentes” e sobre o imperativo de compará-la com outras. Assim, a óptica geográfica associa a paisagem às atividades cotidianas dos homens, e a “descrição” canônica consiste em reunir “traços” que confirmam “fisionomia característica” a um lugar⁶.

A Terra, no sentido total que lhe deu Lucien Febvre, é retomada em 1940, nos *Ensaio de Geografia Humana*, de Monbeig, que coloca como ponto de partida do método geográfico “o abrir os olhos para as paisagens”. Sobre o *saber olhar* do geógrafo, que significa ir além da descrição ou “dépasser le paysage”⁷, ele alerta: “Lá onde um olho não advertido vê apenas linhas e cores, o geógrafo percebe o significado profundo e o valor humano da paisagem”. O saber ver, faculdade primeira do historiador da arte, é partilhado no trabalho de campo do geógrafo, que, como o primeiro, há de saber também viajar. Dentre os princípios da geografia humana, nada se compara à visão experimental dos fenômenos no lugar em que se produzem. Monbeig recorre às imagens⁸, dando-lhes um estatuto indissociável da

5. Ver “Que é geografia? Aula inaugural...”. In: *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*, op. cit., p.13. A interdisciplinaridade, natural na sua geração, circunstancialmente efetiva em São Paulo, junto a seus colegas da “missão francesa”, e afirmada mais tarde em seu trabalho de direção do IHEAL, foi lembrada inúmeras vezes pelo próprio Monbeig (por exemplo, em *La crise des sciences de l’homme*, Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943) e observada por aqueles que escreveram sobre sua trajetória intelectual.

6. Sobre a rica e pioneira relação Geografia/paisagem, ver Jean-Marc Besse, “Entre géographie et paysage, la phénoménologie”. In: Michel Collot, op. cit.; François Béguin, “Le paysage des géographes”. In: *Le Paysage*, Dominos/Flammarion, 1995; “Lectures géographiques” (vários autores) e Jacques Bethemont, “Géographie et analyse des paysages: éléments pour un dialogue”. In: *Lire le paysage, lire les paysages*, CIEREC, Actes du colloque, Université de Saint-Etienne, 1984; Armand Frémont, “Les profondeurs des paysages géographiques”. In: Alain Roger [dir.], *La théorie du paysage en France (1974–1994)*, op. cit.

7. Cf. Pierre Monbeig, “Leçon inaugurale du 06 novembre 1952, Conservatoire National des Arts et Métiers”, transcrita em Hervé Théry e Martine Droulers (coord.), *Pierre Monbeig, un géographe pionnier*, Paris, IHEAL, 1991.

8. Os diapositivos apresentadas no colóquio (dos quais reproduzimos aqui apenas dois) convergem com as reflexões que se seguem; foram feitos, ao que consta, pelo próprio Monbeig, ao longo de mais de 30 anos, em viagens pelo Brasil (desde cedo usava projeções em seus cursos e, nas descrições do trabalho de campo, referia-se às fotos tiradas). Agradeço a colaboração que obtive, em Paris, de Mme. Jacqueline Boisselot, documentalista do CNRS, responsável pela classificação do acervo, ora em curso.



descrição. Discurso e figuração revelam o mesmo grau de “sensibilidade paisagística”.

Entre seus manuscritos, são inúmeras as conferências sobre paisagem feitas em países da América Latina e da Europa, ao longo dos anos 1950 e 1960. Nelas, como em seus livros, ele questiona a existência de paisagem natural: “le paysage naturel, en existe-t-il? Le mot même de paysage implique l’action humaine”. Os cadernos de viagem dos anos 1940 pautam-se por descrições paisagísticas inscritas na noção de *écoumène*, em que relevo, solo, vegetação, clima, população, animais, trabalho, cidade e campo “interagem” numa dinâmica sem fim. “Dimensões [espaço], formas [relevo] e cores [do complexo dos elementos] são, segundo Monbeig, “os componentes solidários que formam a paisagem (...) essa estrutura viva em constante mutação”⁹. Embora seu vocabulário e seu esquema descritivo se inscrevam tanto na linha vidaliana informada pela Arqueologia quanto na História dos primeiros *Annales*¹⁰, é significativo que decênios atrás Monbeig já tratasse a ação do homem sobre a paisagem como uma relação “ética”, tal como a desenvolve atualmente Augustin Berque.

Os cadernos mais interessantes em descrições e referências às paisagens são os do período em que ele morou no Brasil. Nas cadernetas de excursões posteriores, escritas nos diversos retornos do geógrafo ao país, constam apenas roteiros de viagem, quilômetros a percorrer: perde-se a riqueza narrativa e a sistemática dos primeiros tempos. Dessas excursões de campo¹¹, destaca-se aquela ao Nordeste em 1944, da qual localizei recentemente, em Paris, uma imagem, que corresponde ao texto do caderno conservado no arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros: ao atravessar o Horto Florestal de Crato, Monbeig registra a surpresa diante do contraste das zonas irrigadas ou a “sensação de um oásis africano” na caatinga (fig. 1). Lembremo-nos de que Pierre Gourou se referia às paisagens como “prismas das potencialidades do espaço”, metáfora correspondente à *variété* em meios físicos semelhantes mediados pelos homens. Monbeig refere-se a “variété des paysages, variété des milieux, variétés des sociétés et de leur évolution”¹².

Seus desenhos de observação em geral são pouco elaborados – documentos pessoais não se destinam a ser mostrados, apenas funcionam como registros de memória. Monbeig reconhece que “desenhava mal”, razão a mais, segundo ele, para

9. Expressões de conferência manuscrita, “Le Paysage. Journées d’études sur les parcs naturels régionaux”, 1966, APM, IEB/USP

10. Ver Krzysztof Pomian, “L’heure des Annales. La terre, les hommes, le monde”, e Jean-Yves Guiomar, “Le Tableau de la Géographie de la France de Vidal de la Blache”. In: *Les lieux de mémoire*, II, La Nation, Paris, Gallimard, 1986. Sobre a importância da paisagem na geografia clássica, ver também as comunicações de Jacques Van Waerbeke (“Le paysage du géographe et ses modèles”) e G. Burgel, em Michel Collot, *op. cit.*

11. Ver sobre essa prática, entre outros, Jacques Van Waerbeke, *op.cit.* Monbeig afirmava sempre, em entrevistas e relatórios de cursos, a importância pedagógica fundamental do trabalho de campo.

12. Cf. conferência manuscrita, “Qu’est-ce qu’un paysage?”, México, 1961, APM.



não ter optado pela geografia física. Além dos esboços entremeados aos textos, há um raro desenho a ser mencionado: o da *Serra do Boi Morto*, na Transnordestina; a descrição do percurso dessa estrada, que liga Pernambuco à Bahia, demonstra profundo conhecimento da geomorfologia da paisagem.

A precisão e a rapidez da fotografia respondem melhor à óptica geográfica do que os croquis. Sabe-se que a fotografia aérea e o mapa têm muito em comum; pense-se também, quanto à circulação de visualidades, na reinterpretação plástica dos processos cartográficos. Monbeig faz parte de uma geração que aprendeu a ver o território e as cidades do alto, do avião – Le Corbusier escrevia que “do avião se viam as verdades fundamentais” de um país. Esse “instrumento de trabalho geográfico (...) é um observatório impiedoso: se permite apanhar em bloco todos os elementos da paisagem cultural, revela também os traços do cansaço do solo e as vicissitudes do esforço dos homens”¹³. As cicatrizes da paisagem vegetal ou as feridas abertas na mata explicitam a geografia como uma ciência de base territorial em que, observava Monbeig, os aspectos físicos – como os desmatamentos da floresta amazônica que ele registrou em 1972 – são indissociáveis de outros fatores. Ao referir-se às “dimensões colossais do continente americano” ou aos “grandes espaços uniformes” em contraste com a variedade das paisagens francesas em percursos pequenos, escreve que no Brasil “só de avião dissipa-se a impressão de ter visto uma única paisagem após um dia de viagem”¹⁴.

Sobrevoando centros urbanos como Manaus e Belém e suas periferias, ora registra um novo loteamento que invade a Floresta Amazônica, ora desce até ela para ver de perto uma habitação vegetal na clareira. Sua observação das paisagens rurais transforma-se, por vezes, numa experiência estética; revela uma óptica emprestada da história da arte que os geógrafos partilham, conscientemente ou não, no seu trabalho. Monbeig faz importantes seqüências visuais da utilização da natureza pelo homem, como ao retratar a malva de Santarém após maceração, criando uma imagem abstrata das fibras que chega a ser tátil.

O geógrafo registra também o impacto da tecnologia na paisagem aquática, fotografando ora um dispositivo primitivo de pesca, ora uma barragem – situações em “que o homem manifesta mais nitidamente sua capacidade de agente geográfico, criador de paisagem”; “modelar a natureza e criar paisagens de civilização” são expressões recorrentes no seu vocabulário¹⁵.

As vias de circulação marítimas e terrestres mostram as mudanças na estrutura de vida dos que trilham a diversidade dos caminhos. As paisagens de Monbeig evoluem, pautam-se pelo movimento, pela transformação; nas anotações de viagens, a construção de uma estrada é sempre objeto de análises fenomenológicas em que questões diversas são levadas em conta. Ele enfatiza a substituição, pelos ho-

13. Cf. Pierre Monbeig, *Ensaio de geografia humana brasileira*, op. cit., p. 76.

14. Cf. “A paisagem, espelho de uma civilização”, op. cit., p. 32 e *Pionniers et planteurs de São Paulo*, op. cit., p. 23.

15. Cf. conferência citada *supra*, pp. 32 e 35.



mens, da “paisagem natural” pela “paisagem cultural”¹⁶. Transita pelas novas estradas abertas, em vales desmatados da Serra da Mantiqueira à Brasília nascente no Planalto Central, registrando-a em imagens de 1963. E, ao inserir a abertura do espaço amazônico (fig. 2), nos anos 1970, na tradição das frentes pioneiras estudadas na sua tese sobre o oeste paulista em 1950, seu pensamento tem por base questões discutidas anteriormente com o colega historiador Fernand Braudel, referentes às “temporalidades” múltiplas dos territórios e cidades, em combinações e ritmos históricos diversos.

Para Monbeig, embora a aridez tenha cores, a falta de vegetação é descrita sempre negativamente. O desmatamento e suas conseqüências, entre elas as queimadas e a erosão, que constituem ainda desafios marcantes da política da paisagem, estão entre suas preocupações fundamentais, registradas em imagens e artigos. Não incorre, porém, no pânico do *desastre ecológico*¹⁷, pois observa que a devastação tem uma continuidade histórica, a vegetação é substituída nos meios florestais, e o empobrecimento do solo, em várias situações, resulta em novas paisagens. Nesse particular, já desmistificara, na conferência de 1939, que certas gramíneas fossem de origem “natural e nacional”, além de ter atribuído o surgimento de algumas delas ao sistema de queimadas. Naquela época, mostrava ainda que a devastação não era apenas fato político ou econômico, mas fenômeno de mentalidade: na Juazeiro do Padre Cícero, impressiona-se com as conseqüências geográficas da psicose coletiva das hordas de sertanejos peregrinos que, pela miséria, tornam-se místicos fanáticos e cujos deslocamentos em massa transformam a caatinga em carrascal¹⁸.

Nas paisagens urbanas, Monbeig deplora a ausência de vegetação, considerando “feias” as cidades nuas do interior de São Paulo ou do Nordeste retratadas ao longo dos anos 1960 e 1970. Em relação ao construído, nota criticamente, sob categorias clássicas da arquitetura – como escala e proporção –, as disjunções de um cenário urbano que se transforma rapidamente por meio das irrupções de verticalidade. Sua erudição urbanística revela-se no trabalho precoce *La croissance de la ville de São Paulo*, a ser recolocado no contexto intelectual de homens como Pierre Lavedan, sem deixar, porém, de incorporar os sociólogos americanos às referências francesas de leitura¹⁹. Nesse livro sobre São Paulo, terminado em 1949, Monbeig já emprega a expressão “paisagem urbana”.

16. *Idem*, p. 31.

17. Observação anotada por H. Rivière d'Arc, “A propos de l'Amazonie”. In: H. Théry e M. Droulers, *op. cit.*, p. 136.

18. Cf. caderno “Excursion dans la région Nordeste du Brésil, 1944”, APM, que teria servido de base para o artigo “Notes sur la géographie humaine du Nord-Est du Brésil”, *Bulletin de l'Association des Géographes Français*, n. 185–186, 1947, publicado no Brasil, em *Boletim Geográfico do Rio de Janeiro*, ano VI, n. 65, agosto 1948.

19. Essas referências são lembradas por Aziz Ab'Saber, “Pierre Monbeig, a herança intelectual de um geógrafo”. In: *Estudos Avançados*, n. 8, 1994. A fonte direta para levantá-las é o artigo “clássico” de Monbeig, “O estudo geográfico das cidades”, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, vol. 73, janeiro 1941, republicado em 1943 e 1957.



Em suas viagens, registra ora os *contrastes* de uma arquitetura que se justapõe sem regra às paisagens antigas, ora os traços de construções abandonadas, em ruínas. Sobre as transformações rurais e urbanas, Monbeig escreve: “em duas viagens efetuadas com um ano apenas de intervalo, pode-se verificar os progressos de uma paisagem: monta-se o cenário diante do geógrafo ao mesmo tempo que se cria uma sociedade, formam-se diante do sociólogo os atores que vão representar nesse cenário feito por eles mesmos”²⁰.

A paisagem urbana e suas metamorfoses são, pois, evocadas em todos os seus aspectos; o centro de São Paulo, onde “o recente já é passado”, em processo de degradação, ou o aterro do Flamengo, em construção no Rio em 1965, exemplificam a “instabilidade” ou os “progressos” inerentes ao país. Os textos de Monbeig sobre a morfologia recriada e o relevo natural de uma cidade apresentam-se como uma descrição/imagem, mas o fato de ele retratar paisagens brasileiras carregadas de símbolos naturais, como as “formas curiosas” do relevo do Brasil atlântico, não quer dizer que tenha caído na “sedução pela Baía de Guanabara”²¹, pois proclama a importância de olhar outras paisagens, como os platôs semi-áridos do Nordeste. Leitor de Michelet e de Vidal de la Blache, contemporâneo de Braudel, reconhece a *identidade* de um país na *variedade* de suas paisagens.

As descrições de Monbeig são significativamente figurativas – ele escreve à medida que penetra na paisagem, trazendo à imaginação do leitor o que vê; a relação entre o trabalho de observação e a formação de seu pensamento ganhou muito com a localização recente dos diapositivos, pois eles lhe servem como complemento da escrita. A importância que dá às imagens, sejam elas cartográficas ou fotográficas, para um trabalho científico de geografia, é destacada quando ele critica a insipidez dos nomes e números, comparando-os às meras descrições em história da arte (dá como exemplo os guias de museu), nas quais se está longe “da estética ou da crítica de arte”, pois são limitadas a evidências: “a direita, uma árvore, no fundo, à esquerda, um pequeno cão, no centro, um personagem”²².

No registro da paisagem urbana ou rural, tem olhos para o típico e o atípico, para as espécies/signos do país, como as palmeiras, que são deslocadas e se adaptam em todos os lugares. Os geógrafos ensinam-nos a ver as paisagens e seus componentes vegetais nas suas diversas modalidades de aculturação e representação:

A paisagem geográfica não é constituída somente pelas linhas da sua topografia, as nuvens do seu céu e as manchas cinzentas ou avermelhadas do seu solo; campos, florestas, caatingas, cerrados fixam, talvez melhor na memória do observador, seus

20. Cf. texto da conferência citada na nota 1, p. 36.

21. Expressões de Pierre Monbeig, “La situation des études géographiques au Brésil”, 1943, *apud* M. Droulers, *op. cit.*, p. 106.

22. “E ainda o guia nos mostra um quadro, enquanto o artigo em questão não diz palavra sobre paisagens e não nos dá nenhum mapa”. Cf. P. Monbeig, “Reflexões sobre um trabalho inútil”. In: *Geografia*, a. I, n. 4, 1935, pp. 92-93.



traços essenciais. A tática a seguir para a geografia botânica parece que deve ser igual ao método adotado para o estudo dos solos visando à caracterização dos principais tipos de paisagens vegetais e o trabalho cartográfico de cada qual (...) Vidal de la Blache acentuou, com justeza, que esta noção de um meio compósito, parece ser a própria lei que rege a geografia dos seres vivos²³.

A óptica de Monbeig anuncia, assim, posturas recentes de uma chamada História do meio ambiente, na qual uma *eco-história* se refere “aos homens e a todos os outros fenômenos evolutivos da natureza e da vida” (aos animais, por exemplo), história situada na interface da natureza e da sociedade. Sob esse aspecto, seu pensamento acompanha o de Lucien Febvre, hoje considerado o pioneiro dessa *eco-história*²⁴.

A óptica geográfica registra sobretudo os gestos de transformação da *écoumène*, ou seja, da relação da humanidade com a extensão terrestre que habita, da vida e da morte, da complexa e ampla realidade de *être humains sur la terre*, na expressão de Augustin Berque, que postula a ética além da ecologia²⁵. Ao finalizar uma de suas conferências sobre paisagem em Lisboa, em 1952, Pierre Monbeig alertava para essa relação ética e para os futuros desafios do espaço geográfico, a exigir um novo equilíbrio, lembrando-nos a grande responsabilidade frente ao mundo tropical: *sauver la terre en libérant les hommes*²⁶.



23. Cf. “As paisagens vegetais” (*O estudo regional da geografia humana*). In: “Pesquisas em geografia humana - contribuição metodológica, P. Monbeig, Prof. da Universidade de São Paulo”, APM, original datiloscrito, s/d., p. 22.

24. Sobre Robert Delort, ler François Walter, “Une histoire de l’environnement, pour quoi faire?” In: *Milieux naturels, espaces sociaux. Études offertes à Robert Delort* [Travaux réunis par E. Morner et F. Morensoni], Paris, 1998.

25. Augustin Berque, *Être humains sur la terre. Principes d’éthique de l’écoumène*, Paris, Gallimard, 1996.

26. Cf. “Questions d’agriculture tropicale”, 14/02/1952, manuscrito, APM. Essa postura é de plena atualidade: J. Van Waerbeke observa que “Les nouvelles interrogations paysagères portées par la géographie, du moins dans leurs formes les plus réfléchies et les plus exigeantes remettent le social au coeur de la relation paysagère”, *op. cit.*, p. 319. A geografia do século XXI certamente concentrará sua óptica na clássica síntese física/humana, atenta a uma nova concepção de paisagem, dada a preocupação ecologista/existencial. Cf. “La géographie à l’heure du soupçon”, *Le Monde*, 9/10/1999.